

Tradução do verbete Matthias Knutzen do *Dictionnaire Historique et Critique*

Translation of the entry Matthias Knutzen from the Dictionnaire Historique et Critique

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
marceloprino@academico.ufs.br

O ateísmo virtuoso na modernidade: Bayle e Knutzen

Nascido em 1646 e falecendo em 1674, Matthias Knutzen foi o primeiro autor conhecido da história a outorgar para si a alcunha de ateu¹, termo que antes dele era tido como uma acusação grave e inconcebível para os mais conservadores e carolas.² Mesmo depois de Knutzen, demoraria muito para que os ateus surgissem e declarassem a sua descrença abertamente, sem pseudônimos ou dissimulações, que se identificaram como tal por iniciativa própria.³ Evidentemente, ser ateu não era apenas uma questão de visão e concepção de mundo, mas também entendido como crime no direito penal, pois assumir posições ateístas no seio social é ser tomado como perturbador da ordem, da moral e dos bons costumes. Todavia, Knutzen e seu pensamento ateu foi quase que relegado ao ostracismo já que pensadores como Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud são os mais lembrados e estudados quando se trata da crítica ateia da religião. Segundo Thomas Zenk, o que quer que seja afirmado a respeito dos autores supracitados, “não há dúvida de que a Alemanha olha para trás uma história notável neste campo. Há cerca de uma década, a capital da Alemanha, Berlim, foi até apelidada de “o mundo capital do ateísmo” (2012, p. 36).

A descrença de Knutzen não passou despercebida no *Dictionnaire historique et critique*. Mesmo redigindo um breve verbete com notas concernentes acerca dos dados biográficos⁴, teses e repercussão do ateísmo

¹ Para mais informações ver *Schriften, Dokumente / Matthias Knutzen*. Mit einer Einl. hrsg. von Winfried Schröder. (2010). Stuttgart- Bad-Cannstatt: FrommannHolzboog, (Philosophische Clandestina der deutschen Aufklärung: Abteilung 1, Texte und Dokumente; 5). Ver também o prefácio da tradução para a língua inglesa dos principais escritos de Knutzen. WATSON, K. (2021). “Introduction”, in: *The first atheist: The writings and Legacy of Matthias Knutzen*, p. 4-13.

² Para ver mais a respeito das consequências negativas de ser ateu na Modernidade, ver CAVAILLÉ, J.-P. “‘Athée’ au début de l’époque moderne: une accusation inacceptable”. In: STAQUET, A. (2013). *Athéisme (dé)voilé aux temps modernes*. Bruxelles: Académie Royal de Belgique, 2013, p. 13-23. Segundo Cavaillé, o termo ateu, a partir da metade do século XVI, é “um termo injurioso, infamante, acusatório, denunciador, mobilizado em uma infinidade de conflitos de toda ordem entre indivíduos e entre grupos (em particular entre protestantes e católicos)”, (p. 17).

³ Segundo Watson, Knutzen “se tornou o primeiro autor moderno conhecido pelo nome: isto é, a primeira pessoa nos tempos modernos a escrever ou proclamar a si mesmo, publicamente e sem pseudônimo, um ateu” (2021, p. 5). Ou como afirma Winfried Schröder, Knutzen foi o “primeiro ateu do mundo conhecido em pessoa” (2012, p. 189).

⁴ Graças ao editor Winfried Schröder que os escritos de Knutzen importantes documentos histórico-filosóficos do início do período moderno vieram à tona, em uma edição anotada e sólida. Os comentários do trabalho aos três textos de Knutzen 1) *Epistola amici ad amicum* [Carta de um amigo para um amigo também com o título *Amicus Amicis Amica!* de 1674]; 2) *Gespräch zwischen einem Gastgeber und drei Gästen ungleicher Religion* [Diálogo entre um Anfitrião e três convidados de diferente religião, 1674]. 3) *Gespräch zwischen einem Feldprediger namens Dr. Heinrich Brummern und einem lateinischen Musterschreiber* [Diálogo entre um Capelão do Exército chamado Dr. Heinrich Brummern e um Escritor Latino, 1674]. A maior Parte do volume é uma cópia fac-símile daqueles dirigidos contra Knutzen Escritura pelo ortodoxo luterano Musäus, que trata extensivamente dos textos de Knutzens e os refutou e a segunda edição do texto por Johannes Musäus foi reimpressa porque ele anexou os textos de Knutzen. Se assim não fosse, seus escritos seriam perdidos hoje, porque as cópias manuscritas que também estão em circulação estão na abrangente publicação por Musäus, que refutam Knutzen e acima de tudo a reputação da Universidade de Iena contra o risco de perda de reputação devido à possibilidade de ser um terreno fértil para o ateísmo. Para especialistas em

Recebido em 08 de janeiro de 2025. Aceito em 22 de junho de 2025.

do filósofo alemão e conhecendo somente um dos escritos de Knutzen⁵, Bayle o tratou como um marco significativo na história do ateísmo ou, ao menos, na *sua* história do ateísmo. Dedicando a um artigo a Knutzen, o filósofo de Carla reafirma uma tese já consolidada desde os seus *Pensées diverses sur la comète* e que, segundo Winfried Schröder, irritou muitos leitores mais ortodoxos, a saber, “que moralidade e ateísmo andem de mãos dadas é compatível porque a moralidade é autônoma. É independente do fato e o reconhecimento do fato de que existe um Deus” (2004, p. 9). Assim sendo, o verbete “Knutzen” traz consigo a polêmica de ilustrar a inocência do ateísmo de um ponto de vista moral, já que muitos contemporâneos de Bayle entendiam que “a liberdade de pensar, a *libertas philosophandi* não deveria estender-se aos que contestam a existência de deus” (SCHRÖDER, 2012, p. 185).

Em que sentido seria esta contestação para Knutzen? Se ele entende que a autoridade divina não nos dá garantia alguma de agirmos moralmente, resta à *consciência* nos proporcionar o conhecimento de nossos deveres morais nesta vida que é a única. Segundo o pensador alemão, a consciência nos foi dada pela natureza, “nasce conosco e perece conosco após a morte. São nossos princípios inatos: quem os rejeita, rejeita a si mesmo (KNUTZEN *apud* SCHRÖDER, 2012, p. 193). Contudo, não seria a consciência individual que fundamenta a moral, mas a consciência guiada pela razão coletiva – *conscientia plurimorum* - ou, em outros termos, uma consciência intersubjetiva que nos motiva poderosamente a agir conforme a mandamentos morais. Eis a radicalidade dessa ideia-chave no pensamento de Knutzen e que Bayle sublinha já desde o seu escrito *Da tolerância*, de 1686: as luzes da consciência sempre permanecerão em nós mesmo que as “ideias da existência de Deus e da fé em uma vida futura afastem-se de nós” (1740, nota B, p. 12). Assim sendo, nesse pequeno verbete, Bayle mostra os fundamentos de uma moralidade ateaia já delineados claramente no pensamento do filósofo alemão, pois a autoridade objetiva dos princípios morais ampara-se plenamente na consciência intersubjetiva, que dispensa qualquer imperativo divino regulador das ações humanas e o que Schröder chama de “tese da autonomia”, isto é, da possibilidade e efetividade de uma moralidade autônoma da religião (2004, p. 18) traçada sob a pena de um autêntico *athée vertueux* como o foi Matthias Knutzen.

No que concerne à possibilidade de uma moral dessacralizada e secular que permitisse a plena liberdade de pensamento, se fosse exigido um exemplo concreto teríamos aqui um já desde a Modernidade: Matthias Knutzen e seus textos, mostrando que o ateísmo virtuoso não era e não é um devaneio ou ficção. Pelo contrário, é a prova cabal da injustiça de se limitar a tolerância ao seu aspecto somente religioso, não tendo mais razão de o ateísmo ser intolerado porque é imoral⁶. Até aqui, talvez não seja infundado dizer que o exemplo paradigmático do trazido a nós por Bayle pode ser Knutzen e não Spinoza, pois, mesmo em sua clandestinidade e suposta limitação intelectual em relação ao filósofo holandês, ele é o tipo mais adequado ou “um candidato menos problemático” (SCHRÖDER, 2004, p. 14) para a veste da imagem do

filosofia moderna e história intelectual, os textos de Knutzen continuam instigantes, mesmo que, como Schröder admite, eles não cheguem nem perto do nível filosófico-teológico de outros textos contemporâneos que tratam do ateísmo. Mas isso não muda a grande importância na história das ideias dos textos, uma vez que “ateísmo” nunca foi uma autodesignação, mas sempre o termo crítico-polêmico do oponente que foi acusado de “ateísmo”, mesmo que não deva ser chamado de ateu como entendemos o termo atualmente. Knutzen não desenvolve sua posição, argumenta não propriamente contra a existência de Deus, mas postulando sua não-existência, fundamentando-se na concepção de moralidade natural, como Bayle o fizera depois em seu *Cours de moral*. Sobre a vida de Knutzen, ver também SCHRÖDER, W. “L’athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le Dictionnaire historique et critique”. In: FRÉCHET, P. (2012). *Pierre Bayle et la liberté de la conscience*. Toulouse: Anarchisis, p. 185-196.

⁵ Mais precisamente, a *Epistola amici ad amicum* [Carta de um amigo para um amigo] também com o título *Amicus Amicis Amica!* de 1674. Schröder ressalta que “ignorando que ele era alemão, Bayle procura todas as fontes latinas disponíveis sobre Knutzen” (2012, p. 192), as quais o comentador lista na nota 17 da mesma página.

⁶ O que, para Schröder (2004), “está longe de ser trivial ou inofensivo, mas sim substancial e ainda mais controverso. Bayle teve que lutar contra o opressor consenso de seus contemporâneos, de forma alguma apenas contra obscurantes piedosos, mas também contra uma série de filósofos de posição (um que podemos pensar, especialmente, John Locke)” (p. 19).

ateu virtuoso erigida por Bayle destinada ao pensador alemão. Assim sendo, o verbete que lhe foi dedicado no *Dictionnaire historique et critique* foi uma valorosa e importante contribuição, inspirando muitos livres pensadores pela Europa, que mostrou a vastidão e multiplicidade do *libre pensée* característico do radicalismo filosófico do século XVII e do grande conhecimento que Bayle possuía da cena intelectual de seu tempo.

KNUTZEN (MATTHIAS) Nativo do país de Holstein (a)⁷, chegou a tamanho grau de extravagância que apoiou publicamente o ateísmo e empreendeu grandes viagens para conquistar seguidores. Era um espírito inquieto, foi um espírito inquieto que revelou o início de suas impiedades em Königsberg, na Prússia (b). Vangloriava-se de ter um grande número de camaradas nas principais cidades da Europa (A)⁸, chegando a 700 só na cidade de Iena (c)⁹. Nomeava-se a sua Seita de *Conscientários*¹⁰ porque dizia que não tinha outro Deus, outra Religião, outra Magistratura legítima senão a Consciência, que ensina a todos os homens os três preceitos do Direito: *não fazer mal a ninguém, viver honestamente e render a cada um o que lhe é devido*. Ele resumiu o cerne de seu Sistema em uma carta bastante curta, da qual publicou vários exemplares (B). Ela é datada de Roma. Vós a encontrareis completa nas últimas edições de Micrælius¹¹. Ele também divulgou alguns Escritos Alemães (d)¹². Tudo isso foi refutado na mesma Língua por um professor luterano chamado Jean Musæus¹³ (C). Essa Seita começou aproximadamente em 1673. Uma obra contra Knutzen foi impressa em Wittemberg em 1677 (D).

Observações e comentários de Bayle às notas do verbete

(A) [Vangloriava-se de ter um grande número de camaradas nas principais cidades da Europa]. [Eis suas palavras: *Nemo buono vitio vertet, si una cum meis gregalibus (quorum innumerus mihi numerus Lutetiae, Amstelodaini, Lugduni, in Anglia, Hamburgi, Hafniæ, nec non Holmie, imo Rome & in contiguis locis adstipulatur) universa Biblia bellæ fabellæ loco habeam, qua bellæ, id est, Christiani, rationem captivantes, & cum ratione insanientes delectantur* (Ninguém o transformará numa pessoa má se, juntamente com os meus companheiros (dos quais o meu número é incontável em Lutetia, Amsterdão, Lyon, em Inglaterra, Hamburgo, Hafnia, e não apenas em Holmie, mesmo em Roma, e nas vizinhas lugares), tenho a Bíblia inteira no lugar das histórias de guerra, nas quais a guerra, isto é, os cristãos se deleitam em cativar a razão e em enlouquecer com a razão) (I) [(I) *Apud Micrælium, Syntagm. Hystor. Eccles.*, pag. 2291, Édit. 1699 (N. do A.)]. Não é preciso crer que ele se serviu da astúcia dos conspiradores do Estado que, para conquistar mais pessoas, dizem sempre

⁷ (a) Oldensworta Eiderßadiensis. Moller. *Isagoge ad. Histor. Cherson. Cimbricae*, Part. III, pag. 164 (N. do A.)

⁸ As observações e comentários de Bayle às notas indicadas com letras maiúsculas – de A à D – estão no final do verbete (N. do T.)

⁹ (c) Ver abaixo a citação 4 (N. do A.)

¹⁰ No original “conscientiaires”. Mais precisamente em política, ser um “conscientário” é ser adepto desse grupo anárquico fundado pelo autor. Nas entrelinhas, Bayle eleva a figura de Knutzen ao seu panteão de ateus virtuosos já mencionados nos *Pensées diverses sur la comète* e na *Continuation des Pensées diverses*, por exemplo. Ver a respeito DELPLA, I. “Bayle: le paradoxe de l’athée citoyen”, in: ____; JAFFRO, L./CATTIN, E. (1999). *Figures du théologico-politique*. Paris: Vrin, p. 121 em particular (N. do T.) Em relação à Bayle como precursor de uma secularização da consciência em direção culminando no ateísmo, ver HICKSON, M.W. (2018). “Pierre Bayle and the Secularization of Conscience”. In: *Journal of the History of Ideas*, Volume 79, Number 2, April, pp. 199-220. Para o comentador, nos *Pensées diverses sur la comète*, isto é, antes da publicação do verbete sobre Knutzen no *Dictionnaire historique et critique*, Bayle é “revolucionário por uma variedade de razões, particularmente por argumentar que a idolatria é pior que o ateísmo e que uma sociedade de ateus não seria mais criminosa que uma sociedade de cristãos. Surpreendentemente, no entanto, do ponto de vista da história da consciência, constitui pouco mais que uma aplicação óbvia da teoria tradicional da lei natural” (p. 207).

¹¹ Johannes Micrælius (1597-1658) cujo nome verdadeiro era Johannes Lütkeschwager, foi um poeta, filósofo e historiador alemão (N. do T.)

¹² (d) *Mollerus, Hag. ad Hist. Cheston. Cimbr.*, part. III, pag. 165 (N. do A.)

¹³ Jean Musæus (1613-1681) cujo nome verdadeiro era Johannes Musaeus, foi um teólogo protestante alemão (N. do T.)

que eles têm um grande número de cúmplices. É mais verossímil que ele falava desse modo porque era um desmiolado, um estouvado (N. do A.)

(B) [Ele resumiu o cerne de seu Sistema em uma carta bastante curta, a qual foram impressas várias cópias (2) [(2) *Hec Epistola plus millies descripta est. Micræl. ubi infra* (N. do A.) (Esta epístola foi descrita mais de mil vezes. Micræl, mais abaixo)]. O Sucessor de Micrælius reduziu a esses seis Artigos o teor dessa carta: I. *Non esse Deum neque Diabolum*; II. *Magistratum nihil æstimadum, Tempia contemnenda, Sacerdotes rejiciendos*; III. *Loco Magistratus, & loco Sacerdotum esse scientiam & rationem cum conscientia conjunctam, quæ doceat honeste vivere, neminem lædere & suum cuique tribuere*; IV. *Conjugium à scortatione nihil difere*; V. *Unicam esse vitam: post hanc nec præmium nec pœnam dari*; VI. *Scripturam sacram secum ipsam pugnare* (3) (Não existe Deus nem Diabo; II. Os magistrados devem ser tidos em baixa estima, os templos desprezados, os sacerdotes rejeitados; III. No lugar dos Magistrados e no lugar dos Sacerdotes, o conhecimento e a razão combinados com a consciência, que ensina a viver honestamente, a não ferir ninguém e a dar a cada um o que lhe é devido; 4. É impossível separar o casamento da prostituição; V. Que só existe uma vida: depois dela nem recompensa nem penalidade serão dadas; VI. Para combater a Sagrada Escritura com base nela mesma) [(3) Micrælius, *Syntagma Hist. Ecclesiast.*, pag. 2289, Éd. 1699 (N. do A.)] Esse Sistema, com a impiedade mais horrível, encerra visivelmente a extravagância porque é preciso ser louco de pedra para associar, para crer que o Gênero Humano possa subsistir sem os Magistrados. É verdade que eles não seriam necessários se todos os homens seguissem os preceitos da Consciência que este Ímpio nos articula. Mas eles os seguem nos países que os Juízes julgam mais severamente o erro que cometem com o seu próximo? Eu não sei se poderia dizer que não há impertinência, por mais insensata que seja, que não nos ensine alguma verdade. As loucuras desse Alemão nos mostram que as ideias da Religião Natural, as ideias de Honestidade, as impressões da Razão, em uma palavra, as luzes da Consciência podem subsistir no espírito do homem mesmo depois que as ideias da existência de Deus e a fé em uma vida futura fossem descartadas (N. do A.)

(C) [Ele foi refutado na mesma Língua por um professor luterano chamado Jean Musæus] O Autor que me disse isso observa que Musæus engajou-se nesse trabalho a fim de levantar todas as suspeitas possíveis em desvantagem da Academia de Iena, porque esse miserável Knutzen se vangloriou de lá ter muitos cúmplices (4) [(4) *Blasfemis suis...in solo oppido Ienensi 700 cives atque studiosus falso jactabat adstipulari. Mollerus, Isagoge ad Hist. Cherson. Cimbr. Part. III, pag. 166* (N. do A.)]. Vê-se neste Escrito de Musæus várias coisas ridículas que concernem à vida do Peregrino. Mas, se quisermos ver uma Apologia sólida da Escritura contra as blasfêmias do personagem, é preciso recorrer à segunda Edição. Recorreis também pelo conselho do Sr. Mollerus (5) [(5) *Ibidem, pag. 167* (N. do A.)], se compreendeis Alemão, ao escrito que ele vos indica (6) [(6) *Atheismus devietus. Ele foi impresso em 1672. O autor chama-se Jo. Mullerus*¹⁴, *Antistes Hamburgensis* (N. do A.)] e atente à sua Reflexão. Ele disse que se continuar a tornar suspeitos de Ateísmo os seus inimigos, como fez o Autor deste Escrito por um zelo precipitado e confundido com suas paixões, é fornecida uma ampla matéria ao Senhor Christian Thomasius¹⁵, que trabalha na Apologia daqueles foram expostos sem motivo a semelhantes Acusações. O Autor dos Pensamentos sobre os Cometas insinuou (7) [(7) *No prefácio da Adição impressa em Roterdam, no ano de 1694* (N. do A.)] o desenho de uma parecida Obra e forneceu uma ideia bastante curiosa. Mas vejamos nas palavras do Sr. Mollerus a maldade dessa espécie de Acusadores: *Quo in opere optandum effret ut Theol. celeberrimus* (Jo. Mullerus, *Antistes Hamb.*) *suo in Antagonistas odio minus indusisset, nec per insignem animi impotentiam Schuppi τοῦ μαχαρίτου Demegorias, piss omnibus commendatissimas & Christ. Hoburgii, ad extremum Atheismo contrarium, superstitionem sc. & Enthiasmum, proclivioris, scripta collo obtorto iis, quæ Atheismum vel occultant, vel quadamtenus promovent, aggregasset. Certe, si zelo hujusmodi præcipiti, privastique affectibus*

¹⁴ Johannes Müller (1622-1672). Foi um pastor na Igreja de São Pedro em Hamburgo (N. do T.)

¹⁵ Christian Thomasius (1625-1728). Foi um jurista e filósofo alemão, tido como o precursor do Iluminismo na Alemanha (N. do T.)

obnoxio, Theologi Atheomastiges sibi invisos in suspicionem impietatis Atheismo affinis pergent adducere, vercor ne calamo Christ. Thomasii παῖρκοιχιχῶ, Gabr. Naudei (qui magiæ reis est patrocinated) exemplo apologiam pro Atheismi falso insinulatis parturienti, campus se pandat amplissimus innocentiam illorum, cum hominum cordatorum applausu, vindicandi (8) (Em qual trabalho é desejável que o Theol. o mais famoso [Jo. Mullerus, Antistes Hamb] não teria instilado menos ódio nos Antagonistas, nem pela notável impotência do espírito de Schuppi τοῦ μαχαρίτον Demegorias, altamente recomendado a todos e a Cristo. Hoburgii, ao extremo contrário ao ateísmo, superstição, etc., teria se entusiasmado, mais inclinado, escrito com o pescoço torto para aqueles que, ou escondem o ateísmo, ou até certo ponto o promovem. Certamente, se, movidos por zelo deste tipo e sujeitos a afeições privadas, os teólogos ateomásticos, a quem eles odeiam, continuarem a colocá-los sob a suspeita de impiedade semelhante ao ateísmo, clamo por não escrever Cristo. Thomasii, παῖρκοιχιχῶ Gabr. Pelo exemplo de Naudeus (que foi patrocinado pelos acusados de magia), que deu à luz o Ateísmo falsamente acusado, um campo muito grande foi aberto para a vindicação de sua inocência, com o aplauso dos corações dos homens). [(8) Mollerus, Isagoge ad Histor. Cherson. Cimbr. Part. III, pag. 167 (N. do A.)]

(D) [Foi impressa uma obra contra Knutzen em Wittemberg em 1677] Tem como título *Exercitationes Academicæ II de Atheismo Renato des Cartes & Matthiæ Knutzen opposite. Autore Valentino Greissingio Corona-Transylvano Elector. Saxon. alumno*. Extraí isso de um Livro de Caspar Sagittarius (9) [(9) Intitulado *Introductio in Historiam Ecclesiasticam*, pag. 879: foi impresso em 1679, em 4 (N. do A.)]

Referências bibliográficas

- BAYLE, P. 1740. “Knutzen”. In: *Dictionnaire Historique et critique*. Amsterdam, Leyde, La Haye, Utrecht, 5^{ème} Edition, 4 vols. In-folio. [Edição fac-símile.].
- CAVAILLÉ, J.-P. 2013. “‘Athée’ au début de l’époque moderne: une accusation inacceptable”. In: STAQUET, A. (dir.) *Athéisme (dé)voilé aux temps modernes*. Bruxelles: Académie Royal de Belgique, p. 13-23.
- DELPLA, I. 1999. “Bayle: le paradoxe de l’athée citoyen”. In: ____.; JAFFRO, L./CATTIN, E. *Figures du théologico-politique*. Paris: Vrin, p. 117-147.
- HICKSON, M. W. 2018. “Pierre Bayle and the Secularization of Conscience”. In: *Journal of the History of Ideas*, Volume 79, Number 2, pp. 199-220.
- KNUTZEN, M. 2010. *Schriften, Dokumente / Matthias Knutzen*. Mit einer Einl. hrsg. von Winfried Schröder. - Stuttgart- Bad-Cannstatt: FrommannHolzboog (Philosophische Clandestina der deutschen Aufklärung: Abteilung 1, Texte und Dokumente; 5).
- SCHRÖDER, W. 2012. “L’athéisme comme défi pour les pionniers de la liberté de penser: deux athées spéculatifs dans le *Dictionnaire historique et critique*”. In: FRÉCHET, P. *Pierre Bayle et la liberté de la conscience*. Toulouse: Anarchasis, p. 185-196.
- SCHRÖDER, W. 2004. “Zwei ‘tugendhafte Atheisten’. Zum Verhältnis von Moral und Religion bei Pierre Bayle”. In: KREIMENDAHL, Lothar. *Aufklärung: Die Philosophie in Pierre Bayles Dictionnaire historique et critique*. München: Felix Meiner Verlag, p. 9-20.
- WATSON, K. 2021. “Introduction”. In: *The first atheist: The writings and Legacy of Matthias Knutzen*. 3rd ed. Las Vegas: Independently published.
- ZENK, T. 2012. “‘Neuer Atheismus’: ‘New Atheism’ in Germany”. In: *Approaching religion*, vol. 2, n. 1, p. 36-51.